

Sábado à noite com Shakespeare

São Paulo — Carlos Goldgrub

■ Presidente troca política pelo teatro e ganha aplausos

VASCONCELO QUADROS

SÃO PAULO — O presidente Fernando Henrique Cardoso teve um fim de semana de cidadão comum em São Paulo, com direito a assistir a uma peça de teatro. No sábado à noite, acompanhado da mulher Ruth e do filósofo José Arthur Gianotti, apareceu de surpresa para ver, na sessão das 22h, *A comédia dos erros*, de William Shakespeare, adaptação e direção de Cacá Rosset — no Teatro Faap, na Rua Alagoas, a três quarteirões de sua residência, no bairro paulistano de Higienópolis.

O presidente foi aplaudido várias vezes, distribuiu autógrafos e até teve uma pequena participação involuntária no espetáculo, quando uma atriz, de improviso, invocou o seu testemunho e de sua mulher sobre uma cena de assédio sexual que acabara de acontecer. Ao fim da sessão, o presidente subiu ao palco para cumprimentar o elenco.

Cacá — “Queremos agradecer sua presença e dizer que esta é a primeira vez que vejo um presidente no teatro. Finalmente temos um presidente que gosta de teatro”, disse no encerramento do espetáculo o ator Cacá Rosset, diretor do Grupo Ornitorrinco, que se notabilizou também por personalizar o *Pai Ubu*, um personagem folclórico, que acha que todos os políticos são corruptos e, a cada eleição, ridiculariza os candidatos.

Fernando Henrique, sentado na quinta fila, aplaudiu de pé a peça — uma comédia que conta as confusões vividas por dois irmãos gêmeos separados ao nascer e que se reencontram na mesma cidade muito tempo depois. A peça está há nove meses em cartaz e já foi vista por mais de 70 mil pessoas.

Logo que chegou ao teatro, dez minutos antes da peça começar, o presidente surpreendeu uma pequena multidão ao entrar no prédio como um simples cidadão, vestido com uma camisa de manga curta azul, listras brancas, calça preta e protegido por um esquema de segu-



Com Mário Covas, Fernando Henrique e dona Ruth se despediram de São Paulo sem falar de política

rança marcado pela discrição. Na escadaria, advertiu dona Ruth que, também em trajes esportivos — blusa branca e saia escura — andava mais apressada na subida da escadaria. “Cuidado que escorrega”, disse o presidente. “Não quero é tomar chuva”, reagiu ela.

“Olha, é o presidente”, sinalizou uma estudante. A multidão abriu caminho e Fernando Henrique se postou em frente à porta de entrada na lateral do teatro, onde ainda esperou cerca de cinco minutos, até que seus seguranças assumissem o controle da entrada. “Se eu soubesse que você estava aqui não teria vindo, para evitar confusão”, brincou o médico Artur Ribeiro, amigo do presidente.

O público, cerca de 450 pessoas, entretanto, não deu sossego. O presidente distribuiu mais de 100 autógrafos e foi aplaudido até no meio do espetáculo. A atriz Yvette Matos, no papel de cozinheira, improvisou uma cena de assédio onde se abraça a um espectador e, ao descobrir que não era o ator, o xinga de

proveitador e invoca o testemunho do presidente. “Ele está abusando de mim, não é presidente? E a senhora, dona Ruth, não faz nada em defesa da mulher?”, perguntou. O próprio presidente, às gargalhadas, puxou os aplausos e foi seguido pela platéia inteira.

Cumprimentos — O presidente esteve o tempo todo muito à vontade. Riu de todas as cenas engraçadas e, em nenhum momento, preocupou-se com os lances picantes do espetáculo. Em algumas cenas, as atrizes Cristiane Tricerri e Fernanda D’Umbra aparecem seminuas e, em outras, os atores não economizaram palavras ao se referir a sexo. Ao final da peça, a atriz Yvette Matos entregou ao presidente um broche da campanha contra a Aids. Dona Ruth fez questão de pagar e quem sacou o dinheiro foi Giannot. Fernando Henrique subiu ao palco, acenou para a platéia e, sob aplausos, foi até o camarim cumprimentar, um a um, os 15 atores do elenco. “Parabéns, foi

muito boa. Me diverti muito. Foi uma noite agradável”, disse aos artistas. “Você está cada vez melhor”, disse dona Ruth a Cacá Rosset. Na saída, quando tentava encontrar a porta de acesso, ainda brincou com o ator José Rubens Chacha, que sugeriu ao presidente que saísse pela rampa de entrada. “Pela rampa, não”, devolveu, arrancando gargalhadas.

“Hoje temos um presidente que gosta de teatro, e não de jet ski. Trocamos um *playboy* por um homem ligado à cultura”, elogiou Cristiane Tricerri, que só soube que o presidente assistiria à peça quando chegou sábado à noite ao teatro. “Simbolicamente, o gesto do presidente é muito importante para o teatro. Dos outros presidentes só se tem notícias de que o Getúlio (ex-presidente Getúlio Vargas) tinha esse hábito, assim mesmo para assistir ao teatro de revista”, afirmou Cacá Rosset. O presidente recusou a oferta dos bilhetes e fez questão de pagar os ingressos, cada um a R\$ 12.